

As formas e métodos de trabalho podem variar consoante a correlação de forças políticas existente em diferentes regiões do país. Podemos, no entanto, definir algumas orientações comuns: (elaboração de uma estratégia da campanha eleitoral; sondagem da opinião pública; selecção, preparação e apresentação de candidatos (vamos precisar de eleger mais de 2 milhões de deputados); emprego de computadores na organização de campanhas eleitorais; promoção de trabalhos ideológicos, incluindo propaganda e publicidade política de candidatos e, finalmente, os aspectos técnicos e financeiros ligados às eleições.)

Supomos que vamos assistir a uma séria prova de forças já na fase de formação das comissões eleitorais e, sobretudo, durante a apresentação de candidatos. A julgar pelos resultados de deputados do Povo da URSS, o partido está a ser alvo de críticas justas por parte da classe operária e camponeses por não dar a devida atenção aos representantes destes. É precisamente por isso que os comités partidários perderam tanto prestígio aos olhos de colectivos de trabalhadores e organizações partidárias de base. Talvez seja por isso que em muitas regiões do país se começou a falar em criar garantias de representação de colectivos de trabalhadores.

Em resumo, camaradas, há muito tempo que não estamos habituados a encarar as eleições como aguda luta política. Agora é uma realidade. Temos que tomar consciência do facto e preparar o partido para a próxima campanha eleitoral. Devemos abandonar as posições plácidas que assumimos nas eleições passadas. De outro modo, o partido pode vir a ter grandes perdas políticas.

Quero focar mais um problema face às próximas eleições para os Sovietes locais e de repúblicas federadas. (A nossa sociedade debate activamente hoje a questão da acumulação de funções de secretários de comités partidários e presidentes de Sovietes.) O tema foi debatido durante a XIX Conferência Nacional do Partido. A posição política da conferência face a este problema não é categórica. Penso que a questão da

acumulação de funções deve ser resolvida diferentemente em cada caso concreto, considerando a situação política existente. Pode ser presidente de um soviete qualquer pessoa de prestígio, independentemente do posto que ocupa, de ser ou não militante do partido. A meu ver, esta atitude corresponde também à Constituição e à actual etapa de desenvolvimento da democracia.

Devemos passar a encarar sob novo ângulo não apenas as relações entre os Sovietes e o partido, mas também as relações entre o último e as outras estruturas do nosso sistema político, com destaque para as organizações sociais. Já não podemos aceitar que o partido dirija directamente o trabalho das organizações sociais, o que limitava a independência destas mesmo na resolução de problemas internos. Temos que acabar com esse anacronismo.

Isso diz respeito em primeiro lugar aos sindicatos, que são a maior organização de trabalhadores. As consequências das velhas deturpações cometidas nas relações entre os sindicatos e o partido continuam a ser bastante graves, explicando por que os primeiros reestruturam a sua actividade de forma lenta. Estão longe de cumprir por completo as suas funções de porta-voz e defensor dos interesses dos trabalhadores. E isso leva à acumulação de problemas, e não à resolução destes. São prova disso os acontecimentos ocorridos ultimamente no país. Muitos problemas graves relacionados com o trabalho e quotidiano e as condições sociais e ecológicas de vida dos trabalhadores ficaram durante muito tempo sem a devida atenção, o que conduziu ao seu agravamento e ao surgimento de conflitos.

Os trabalhadores criticam a passividade dos sindicatos em relação a essas questões, posição que entra em contradição com o dinamismo da vida social e com a própria realidade. A nossa sociedade tem interesse vital na renovação da actividade dos sindicatos, na resolução de todos os problemas oportunamente levantados, relativos à vida e à actividade laboral dos trabalhadores. Caso contrário, não poderemos evitar grandes conflitos também de futuro.

Naturalmente que é o assunto entra nas competências

dos próprios sindicatos, dos respectivos responsáveis e funcionários e dos seus membros. Porém, como já disse atrás, o Partido não pode ficar indiferente ao destino da maior organização de massas dos trabalhadores. Os sindicalistas membros do Partido devem responder pelas falhas e deficiências registadas no seu trabalho sindical, têm de lembrar a sua responsabilidade perante os trabalhadores, que lhes manifestaram a sua confiança. Daqui por diante, {convém recomendar para o trabalho sindical} os comunistas mais prestigiados e mais aptos, e não pessoas que já esgotaram as suas possibilidades noutros ramos de {actividade.}

É necessário também redefinir as relações com o Komsomol, para o que há indicações directas do XXVII Congresso do Partido, da XIX Conferência do PCUS e Resoluções do Comité Central do Partido. Voltamos a focar a questão porque as mudanças decorrem lentamente nessa organização, que congrega precisamente a faixa mais dinâmica da população. O Komsomol parece não conseguir ultrapassar a fase de debates que apesar de críticos e francos pouco têm contribuído para a reestruturação daquela importante organização política. O facto preocupa os comunistas, que não podem manter a situação de observadores, pois o destino do Komsomol prende-se indissociavelmente ao destino do Partido e da "perestroika".

É imperioso restabelecer o prestígio do Komsomol entre a juventude e na sociedade em geral. Porém, não será possível fazê-lo sem proceder à renovação da estrutura orgânica e do modo de actividade das células do Komsomol. É óbvio, pois, que a actual estrutura e formas e métodos de trabalho são as causas da burocratização da organização, do desinteresse e mesmo do niilismo da juventude em relação ao Komsomol.

Por mais crítica que seja a nossa apreciação da actividade actual do Komsomol, {não há dúvidas de que deve existir uma} {organização política da juventude que se identifique com} o Partido e trabalhe sob a sua direcção e influência ideológica? Esta posição é partilhada não só pelos adultos, mas também pelos próprios jovens, que têm confiança nos valores socialistas

e desejam participar na actividade política.

No seio da juventude predominou claramente a atitude de oposição aos apelos à dissolução do Komsomol, que pode e deve transformar-se numa organização política forte e dinâmica dos jovens e num verdadeiro intérprete dos interesses juvenis. No entanto, isto só será possível se o Komsomol participar activamente em todos os processos de evolução social, intervier na formação e no funcionamento dos órgãos de poder política e de administração de todos os escalões.

Em nossa opinião, a reestruturação do Komsomol deve começar pela garantia da sua total autonomia organizativa. A própria formação das estruturas dessa organização juvenil deve assentar na integração voluntária no Komsomol dos elementos mais dinâmicos, criativos e politicamente activos da juventude. Não devemos procurar que o Komsomol englobe toda a juventude, como se tentava fazer até agora.

Devemos acompanhar de perto a situação na organização juvenil e estar particularmente atentos aos nossos jovens companheiros de ideologia e de "perestroika", temos de sentir maior responsabilidade pelo destino do Komsomol. É preciso evitar, porém, que os casos extremos verificados no passado, as situações de ingerência injustificada, atitude dirigista e influência global do partido sobre o Komsomol dê agora lugar a uma atitude de indiferença e falta de atenção pelos seus problemas, perigo de que já há indícios. A situação actual exige, mais que nunca, o estabelecimento de relações de proximidade, camaradagem e cooperação entre os comités, as células e os militantes do partido e do Komsomol. A perestroika é uma revolução e a juventude deve nela intervir com dinamismo e iniciativa.

Hoje impõe-se já que troquemos opiniões sobre a atitude a tomar em relação aos movimentos e organizações sociais ditos "informais", que não cessam de crescer e intensificar a sua actividade e, não raro, ganham influência junto da opinião pública. Como encarar este processo?

As propostas de soluções alternativas para os problemas complexos enfrentados pelo país contribuem para alargar e

aprofundar a visão dos mesmos e para encontrar medidas mais eficientes. Já por existirem, esses movimentos levam o Partido, os Sovietes, os órgãos estatais e económicos a actuar de forma mais dinâmica e flexível.

Na apreciação dos diversos grupos, organizações e movimentos informais, as estruturas do Partido devem apreciar o seu papel e a posição que ocupam no xadrez sociopolítico do país. A experiência concreta demonstrou que a maioria absoluta desses movimentos apoiam o aprofundamento da perestroika, democratização contínua da sociedade soviética, a preservação do meio ambiente e propagação de ideais ecológicos e o desenvolvimento do património histórico-cultural, revelam franca preocupação com os problemas existentes nas suas cidades, distritos, regiões, repúblicas e no país em geral. Naturalmente que cada movimento tem uma visão própria desses problemas e do modo de resolvê-los, e é essa visão original que provoca reservas. Contudo, não devemos esquecer que os seus objectivos positivos coincidem com a perestroika, o que propicia o diálogo e a cooperação com eles. É por este princípio que nos devemos orientar.

Convem adoptar também uma atitude clara em relação aos elementos extremistas de determinadas organizações independentes e movimentos sociais. Não podemos tolerar as suas posições anti-socialistas e as suas acções anti-sociais e devemos dar-lhes devida réplica, mas isso é apenas um dos aspectos do problema. Temos que ter consciência de que os elementos reaccionários especulam com as dificuldades do dia-a-dia tentam aproveitar o facto de muitos problemas candentes continuarem a ser desprezados pelos organismos de gestão económica e os Sovietes e a estar fora das atenções das organizações partidárias.

Como vêem, camaradas, temos que seguir a vida em mudança permanente, acelerando o nosso movimento de forma a estarmos à frente dos processos relacionados com a reestruturação do sistema político, cooperando activamente com as organizações sociais, conferindo-lhes orientação construtiva e mobilizando-as